

Estilhaços cênicos: sensações indomáveis

Samuel Antonio Zanesco

O destino desta conversa é expor, sem a pretensão de interpretar ou narrar, um ensaio proposto sobre as imagens de uma montagem cênica de 1995, chamada "O Livro de Jó", transformando-se num divisor de águas na dramaturgia brasileira.

O grupo responsável pela ousada iniciativa é o polêmico Teatro da Vertigem, que utilizando um espaço nada convencional, um hospital desativado numa região nobre da cidade de São de Paulo, edificou ali um trabalho dramático de proporções e irradiações gigantescas.

O hospital, embora desativado, carrega em sua memória um arsenal de sensações ressonantes: dor, medo, repulsa, morte, desespero, conduta, ordem, espera, paciência, impaciência, reabilitação, confinamento, disciplina, força e poder. Nessa corredeira de sensações e multiplicidades, em que a memória busca, mas não encontra, soluções e confortos, filtramos a relação do homem consigo mesmo, ou do afeto de si por si mesmo.

A seguir apresentamos um corpo nu que é carne, intensidade e sensação atravessando o deserto-hospital carregado de provações, privações e provocações.

O espectador e o (im) paciente Jó

Entramos desconfiados, com medo. Mãos geladas. Susto: portas se fecham. Sob efeito de luzes o chão parece tremer. Não há como desistir.

Mestre e Contramestre abrem a cena. Com um beijo selam um pacto. Lançam os dados. Jó é a presa.



Imagens des-molduradas, com cheiro de vela no dia de Primeira Comunhão, arrastam consigo um universo multiplicado em cores, odores, luzes. São imagens que desencadeiam forças, trazendo à tona e redirecionando o que foi recalcado pela ordem cultural. Mobilizados em uma experiência que a angústia está na base de toda verdadeira poesia. Sentimos o cheiro de éter misturado ao coro uníssono de anjos. Espécie de imagem-portal de duração infinita filtrando elementos de uma vida. Visitamos espaços que pareciam impossíveis, adormecidos e abandonados. Significações inesgotáveis. Traz paradoxalmente desejo de liberdade embora toda sua concepção seja dor, repulsa e amarras. Produz inúmeras revoluções internas. É o desvendar de camadas e a profunda imersão. Acontecimentos produzindo vários encontros. Movimento desterritorializado de navegação.

Jó é imerso numa solução-sangue. É a peste. É a doença. Estamos num hospital. Este é o cenário. Hospital é o lugar-tabu: sofrimento e

iminência da morte. Evoca imagens e experiências que mobilizam nossos temores mais irracionais. Entramos em Jó. Somos Jó. O herói mítico e sábio. É a revelação humana.



Nossa trajetória de luta interna.

Aceitamos o desafio com ele: repelir todas as tentações do (hospital) deserto de ventos cortantes que inventam dunas e descartilham compêndios catequéticos condenando suas páginas punitivas ao areal . Por que o sofrimento faz-se presente? Que atos tragam nossos corpos a esta terrível punição? Submerge agora toda nossa desconfiança fundada na dor presente em Jó reverberando em nós pela epiderme em fluxos de sensações incontroláveis.

Uma imagem- razão aproxima-se. É a matriarca, a mulher de Jó. Vem se arrastando. As vestes surradas, os peitos secos, olheiras fúnebres.

Perdeu os filhos. Vive ainda as lembranças das vidas geradas no ventre. A boa dor do parto. Que opera milagres: que dá à luz vida. E que agora, revoltada contra o criador, blasfema: "maldito seja o nome de Deus!". Enlouquece de dor e grita: "Deus, devolve meus filhos!". Ela é a dimensão antagônica. A imagem que lança a dúvida. A nossa dúvida.

Perseguimos Jó colocando à prova a frágil carcaça humana. Nós estamos no *entre*. Entre a pergunta e a resposta. Sem redes de segurança. Sem rotas de fuga. O que ele quer? O que pretende? Por que não desiste?



Por que não blasfema? Ele revisita sua vida e enlouquece procurando respostas e causas num violento calvário. Aceitaria a situação se houvesse culpa, julgamento e veredicto. O deserto é cáustico e a ausência de deus é evidenciada. Avançamos ou retrocedemos? Não há

sinalizações... nem porto...nem velas...nem mar . Há um desfiladeiro, um penhasco. E ele prossegue nu e ferido e sua nudez também nos despoja de nós mesmos. Ele é nosso espelho vivo num caos de destruição, dissolução e re-significações.

Continuamos nessa procissão antirreligiosa e sôfrega dentro deste inferno de Dante. Fugimos dos olhares de Jó. Mas a piedade nos arrasta pelos respingos de sangue de seu corpo. Queremos o final. Desejamos desesperadamente que o sofrimento cesse. Incansável, delirante desejando transpassar as paredes brancas daquele hospital para cessar seu sofrimento e libertar-se das amarras moralizadoras. É o cuidado de si que ele está exalando, que se desdobra no cuidado de todos nós.



Referências

Fonte das Imagens: TRILOGIA BÍBLICA, Teatro da Vertigem. Apresentação de Arthur Nestrovsky. São Paulo: Publifolha, 2002.

sobre o(a) autor(a):

Prof. de História (Colégio Objetivo - Socorro, SP) e aluno do Programa de Mestrado em Educação da Unicamp, Grupo Olho.